



*caminhos da construção*

---

*projetos didáticos  
de gênero no domínio  
do argumentar*



ANA MARIA DE MATTOS GUIMARÃES  
DOROTEA FRANK KERSCH  
(ORGANIZADORAS)



*caminhos da construção*

---

*projetos didáticos  
de gênero no domínio  
do argumentar*

MERCADO®  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Caminhos da construção : projetos didáticos de gênero no domínio do argumentar / Ana Maria de Mattos Guimarães, Dorotea Frank Kersch, organizadoras. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2014. – (Série Caminhos da Construção)

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-330-7

1. Argumentação 2. Educação 3. Ensino 4. Professores – Formação I. Guimarães, Ana Maria de Mattos. II. Kersch, Dorotea Frank. III. Série.

14-09860

CDD-370.71

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Formação de professores : Educação 370.71
2. Professores : Formação profissional :Educação 370.71

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**SETEMBRO/2014**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO

TEMPOS INTERESSANTES... TEMPOS DESAFIADORES... 7

*Delaine Cafiero Bicalho*

## EXPLORANDO OS PROJETOS DIDÁTICOS DE GÊNERO

COMO UM CAMINHO METODOLÓGICO 17

*Ana Maria de Mattos Guimarães e Dorotea Frank Kersch*

## “E DAÍ...” OU: SOBRE OS PASSOS SEGUINTE NUM

CAMINHO DE TRABALHO COOPERATIVO 39

*Ana Maria de Mattos Guimarães e Anderson Carnin*

## SOBRE AS DIFICULDADES E DESAFIOS DE SE TRABALHAR

COM GÊNEROS DO DOMÍNIO DO ARGUMENTAR 51

*Dorotea Frank Kersch*

A LEITURA EM UM PDG DO DOMÍNIO DO ARGUMENTAR 73

*Alessandra Preussler de Almeida*

## DE PROFESSORA PARA PROFESSORES: PENSANDO

ADEQUAÇÕES E ADAPTAÇÕES CURRICULARES A PARTIR

DA PROPOSTA DO PROJETO DIDÁTICO DE GÊNERO 95

*Vanessa de Oliveira Dagostim Pires*

EM TEMPOS DE E-MAIL, AINDA SE USA O CORREIO? . . . . . 113

*Carlos Batista Bach*

O PAPEL DA REESCRITA NO PROJETO DIDÁTICO  
DE GÊNEROS – UMA MUDANÇA DE PERSPECTIVA . . . . . 123

*Lisiane Ribeiro Raupp*

A IMPORTÂNCIA DAS OFICINAS DE ANÁLISE  
LINGUÍSTICA EM UM PROJETO DIDÁTICO DE GÊNERO:  
UMA POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO DAS  
CAPACIDADES DE LINGUAGEM . . . . . 137

*Íris Vitória Pires Lisboa e Renata Garcia Marques*

PROJETO DIDÁTICO DE GÊNERO “ADOLESCÊNCIA,  
UMA FASE DE RISOS E RISCOS” E SEUS EFEITOS FORA  
DOS MUROS DA ESCOLA. . . . . 157

*Renata Garcia Marques*

DEBATE REGRADO – POSSIBILIDADE DE TRABALHO COM  
UM GÊNERO DO DOMÍNIO DO ARGUMENTAR EM UMA  
TURMA DE 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL . . . . . 177

*Jane Engel Correa*

“O LIXO QUE TRANSFORMA VIDAS”. . . . . 193

*Itiane Elena de Mello*

OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DOCENTE:  
RELATOS DE CAMPO E ANÁLISE REFLEXIVA . . . . . 207

*Keli Rodrigues Rabello e Jussara Selau da Silva*

DO ESCRITÓRIO À SALA DE AULA: A TRAJETÓRIA  
DE UMA (QUASE) LINGUISTA . . . . . 225

*Janaina Ferreira*

CONHECENDO MELHOR OS AUTORES . . . . . 237



## PRESENTAÇÃO

### TEMPOS INTERESSANTES... TEMPOS DESAFIADORES...

*Delaine Cafiero Bicalho*<sup>1</sup>

Depois de ler os textos que compõem este que é o segundo volume da coleção *Caminhos da Construção* e com o tempo esgotando para que eu fizesse esta apresentação, fiquei me lembrando da crônica *Tempos interessantes*, de André Forastieri, publicada em julho de 1997. Quase vinte anos se passaram e a crônica, escrita pelo autor a partir de sua experiência em uma palestra para o curso de comunicação social de uma faculdade, continua muito atual, como se tivesse sido escrita para os dias de hoje. O título da crônica, que sintetiza a tese defendida na palestra, remete a uma maldição da tradição chinesa: “Que você viva em tempos interessantes”. Para entender essa frase como uma maldição, é necessário interpretar que, para os sábios chineses, a estabilidade dos tempos era condição para a evolução do pensamento, para a calma, para a felicidade na terra. Assim, o que uma pessoa mais poderia desejar na vida seriam tempos tranquilos e de paz. Desejar que uma pessoa viva em *tempos interessantes* é considerado uma *maldição* porque, com

---

1. Professora Associada II, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

isso, se estaria profetizando que ela viva uma vida agitada, de tribulações, de dificuldades, de falta de tranquilidade. Sob essa ótica, esses nossos tempos são mesmo interessantes.

Além de toda correria em que temos vivido, demandada principalmente pelo campo profissional, um dos pontos *interessantes* do momento atual tem a ver também com as exigências de formação impostas a todos nós e principalmente aos professores da educação básica, que são formadores de leitores e escritores. Foi nesse ponto que relacionei os textos que eu li neste livro *Caminhos da Construção: projetos didáticos de gênero no domínio do argumentar* à crônica. Este volume, organizado por Ana Maria de Mattos Guimarães e por Dorotea Frank Kersch, chamou minha atenção para a segunda parte do ditado chinês, que assim continua “e que você encontre o que procura”...

Os textos deste livro, produzidos por pesquisadores de um grupo de pesquisa preocupados em fazer chegar à sala de aula as pesquisas realizadas no âmbito da universidade, evidenciam que tanto os pesquisadores quanto os professores que participam com eles de um processo de formação têm encontrado o que procuram. Estes textos testemunham isso. Tratam simultaneamente de formação continuada de professores e do desafio de ensinar a leitura e escrita de textos do domínio do argumentar. Duas tarefas difíceis, mas imperativas para quem quer e precisa atuar nesses nossos tempos interessantes.

Tratar de formação continuada de professores é importante porque não se pode negar a necessidade constante de atualização. Não basta mais uma graduação, nível de ensino que, até pouco tempo atrás, era o ponto almejado de formação. Os licenciados já terminam seus cursos preocupados com o mestrado e depois com o doutorado. É uma desabalada correria em busca do que se pressupõe ser uma formação adequada para o mercado de trabalho. Mas é uma busca muitas vezes frustrada porque não há espaço para todos na universidade. Mesmo que tivesse, estaríamos (por outras vias, creio que já

estamos) correndo um risco muito sério de formar doutores que conhecem muito de teoria, mas bem pouco da prática, pois a universidade nem sempre é muito afeita às questões demandadas pelos professores da escola básica. Uma outra possibilidade que tem sido muito buscada são os cursos de especialização ou *lato sensu*. Esses cursos são, em geral, frequentados por professores que atuam em sala de aula e retornam à universidade em busca de qualificação para progressão em suas carreiras e para encontrar respostas às questões que a prática impõe. Professores que fazem esses cursos têm perguntas, que são muitas. Nesse sentido, esses cursos podem ser muito bons. As teorias tomam sentido para alguns deles e, para os pesquisadores que ministram os cursos, há oportunidade de repensar, de colocar em xeque as teorias. O lado não tão bom, que chega a incomodar, é que a carga horária é curta e concentrada, o que acaba apenas trazendo, por vezes, o que me parece uma solução aligeirada para os problemas. É incômodo saber que há uma dimensão muito maior na prática que a universidade não consegue alcançar nesses cursos. Por mais que haja um grande esforço, os professores que buscam esse tipo de formação não têm tempo de ler os textos teóricos dentro dos curtos prazos estabelecidos, apenas têm notícia deles por meio de uma leitura rápida ou por meio de exposições orais; não há tempo para refletir de modo a promover mudança de concepção. É isso. Tenho defendido que é necessário investir nas concepções de linguagem/língua, de ensino de língua, para transformar efetivamente. Mas tudo é muito rápido. Penso que os cursos de especialização podem funcionar como disparadores de necessidade. Isto é, a eles cabe o papel de fomentar, no professor em atuação, o desejo forte de que é preciso continuar buscando respostas.

Pensar o ensino, nos modos de como aumentar os baixos índices de leitura (revelados pelo IDEB) e a escrita de textos da população, tem de ser uma preocupação constante que não se esgota no espaço de uma formação continuada de poucas

horas, como é o mais comum acontecer. É por isso que vejo o projeto *Por uma formação continuada cooperativa para o desenvolvimento de leitura e produção textual escrita no Ensino Fundamental*, do qual este volume é um dos resultados, como uma oportunidade para que os professores *encontrem o que procuram*. O projeto é uma parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos e a Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. É uma ação contínua que, de fato, articula ensino, pesquisa e extensão.

Em todo o seu percurso, o profissional da educação tem de estar num intenso processo de formação continuada não só para não correr o risco de ficar para trás, mas para que possa dar sentido à sua própria caminhada. Nas palavras de Forastieri: “Estamos saltando da Segunda Onda, que começou na Revolução Industrial e em que a riqueza era gerada pela transformação de matéria-prima em produto, para a Terceira Onda, em que a riqueza é gerada pelo conhecimento”. Mas que conhecimento? Como construir esse conhecimento quando os desafios e oportunidades se sucedem numa velocidade extrema e quando a lógica parece ser a do salve-se quem puder, e do cada um por si?

Neste volume, os textos vêm mostrar que a lógica pode ser pautada em outros princípios: o da cooperação, da interação, o do reconhecimento do ensino como trabalho. No primeiro texto, *Explorando os Projetos Didáticos de Gênero como um caminho metodológico*, as autoras, que são as mesmas organizadoras do volume, já sinalizam esses princípios ao recontarem a história do projeto, que tem financiamento do Programa Observatório da Educação da Capes. Atitude cooperativa no processo de formação continuada é o cerne do projeto, que muito lucidamente procura juntar duas pontas: a da pesquisa, por meio da ação das pesquisadoras e de seu grupo, com a da prática, tão bem conhecida pelos professores da rede municipal. Ao apresentar um percurso metodológico, o primeiro texto apresenta, entre outros

conceitos basilares, a concepção de linguagem como interação, de Vygotsky (1986[1989]) e Volochinov e Bakhtin (1929[1979]); o Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 2006); a noção de gênero (Volochinov, Bakhtin, Bronckart) como organizadora do ensino de língua (Schneuwly e Dolz 2004); as perspectivas de análise linguística a partir das necessidades demonstradas pelos aprendizes; a proposta de leitura como atitude responsiva ativa, a concepção de múltiplos letramentos relacionados a práticas sociais. São esses conceitos que ancoram a elaboração dos *Projetos Didáticos de Gênero (PDG)*, uma proposta de didatização de gêneros que está na base do processo de formação de professores. Essa metodologia ressignifica as noções de Sequência Didática (SD) de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e de Projetos de Letramento de Kleiman (2000) e se apresenta como uma proposta de como sistematizar e curricularizar os gêneros no ensino. Pesquisadores e professores da educação básica em conjunto e cooperativamente, na formação continuada, participam da construção de PDGs trabalhados posteriormente com os alunos para que eles aprendam a ler e a escrever textos dos domínios do narrar, relatar, argumentar, expor instruir (confira Dolz, Gagnon e Decândio 2010).

Ensinar a ler e a escrever: é a segunda tarefa difícil à qual me referi aqui anteriormente. A formação continuada não visava a dar uma receita para que os professores aplicassem a seus alunos. Embora receitas possam resultar em bons produtos, a ideia era a de dar foco ao processo. E, como diz Forastieri, ao aconselhar sobre como agir nos tempos atuais,

A lógica do processo depende exatamente de cada um se virar, de cada um criar seus caminhos pessoais de absorção, adaptação, expressão. Mesmo que eu dissesse quais são os meus caminhos, não significa que eles seriam bons para você. E você pode até ler o que todo mundo lê, se tiver claro que não é nem de longe o suficiente. No final da história o que

interessa é como você, pessoalmente, digere, recompina, recicla, transforma as informações que recebe. É a única maneira de chegar a conclusões que ninguém chegou, fazer as perguntas que ninguém fez. Só através do seu esforço pessoal, sua curiosidade e sua inclinação natural para guiar na contramão você gera valor.

Pesquisadores e professores juntos leram muito, digeriram, recompinaram, transformaram. Os vários textos deste volume são evidências fortes de como pesquisadores e professores enfrentaram a lógica do processo e como geraram valor ao produzirem e aprenderem a colocar para funcionar PDGs com gêneros do argumentar.

Esse movimento pode ser visto no segundo texto, “*E daí...*” ou sobre os passos seguintes, num caminho de trabalho cooperativo, no qual Ana Maria de Mattos Guimarães e Anderson Carnin fazem uma reflexão sobre os complexos passos dados no projeto e sobre a constituição deste volume.

O terceiro trabalho, de Dorotea Frank Kersch, *Sobre as dificuldades e desafios de se trabalhar com gêneros do domínio do argumentar*, traz à tona uma questão para qual nem sempre estamos atentos: as dificuldades que os próprios professores enfrentam quando têm de produzir textos. A partir da observação de como os documentos oficiais situam o ensino de argumentação, do relato de professores que vivenciaram situações de escrita de gêneros do argumentar e da reflexão sobre o trabalho sistematizado num PDG, o trabalho mostra que as dificuldades e desafios podem ser vencidos quando a atividade faz sentido.

O quarto trabalho, *A leitura em um PDG do domínio do argumentar*, de Alessandra Preussler de Almeida, privilegia questões de leitura, analisando o projeto elaborado por um professor pesquisador, com foco na carta de reclamação. A autora analisa as concepções que ancoram o projeto e reflete sobre as capacidades de leitura que o PDG permite aos alunos mobilizar.

*De professora para professores: pensando adequações e adaptações curriculares a partir da proposta do projeto didático de gênero*, de Vanessa Dagostim Pires, se propõe a conversar com os professores sobre três aspectos que, de acordo com o grupo de que participa, precisam ser levados em conta ao se trabalhar com projetos na escola: a adequação da prática social ao gênero com que se vai trabalhar, a adequação do projeto à turma e à série e a adequação das oficinas do PDG às necessidades dos alunos. A ideia da autora não é trazer a fórmula mágica de como o professor pode se ater a essas questões, mas fazê-lo pensar como tirar melhor proveito das atividades que propõe em classe, de modo que elas despertem o interesse dos alunos e os levem a uma participação cidadã na sociedade.

Carlos Batista Bach, no sexto texto, *Em tempos de e-mail, ainda se usa o correio?* reflete sobre a utilização de um PDG desenvolvido numa turma de 7º ano, o gênero carta de reclamação. A proposta de trabalho com esse gênero partiu da necessidade dos alunos de reclamar sobre o recreio da escola. Eles queriam ser escutados pela direção e queriam que suas reclamações ficassem registradas. O texto de Carlos Batista, além de analisar o trabalho desenvolvido e as contribuições dadas na construção do senso crítico e na argumentação dos alunos, mostra como as atividades realizadas também puderam gerar maior participação da turma.

*O papel da reescrita no projeto didático de gêneros – uma mudança de perspectiva*, de Lisiane Ribeiro Raupp, sétimo texto deste volume, tenta entender o que professores pensam sobre o papel da reescrita no processo de ensino da língua portuguesa. Para isso, a autora convidou professores que participavam da formação continuada, que planejaram e aplicaram PDGs do domínio do argumentar, para participarem de entrevistas. Como resultado, apresenta em seu texto as representações que esses professores têm da atividade de reescrita no processo de ensino-aprendizagem da língua.

Íris Vitória Pires Lisboa e Renata Garcia Marques, no oitavo texto, *A importância das oficinas de análise linguística em um projeto didático de gênero: uma possibilidade de desenvolvimento das capacidades de linguagem*, assumem que a análise linguística apresenta-se como uma alternativa para que se dê um novo sentido ao ensino de gramática. Em seu texto, as autoras fazem uma reflexão sobre o uso de modalizadores em cartas de apresentação/solicitação e analisam sequências de exercícios linguísticos, mostrando como a prática pedagógica pode lidar com esses recursos da língua.

Já o trabalho de Renata Garcia Marques, *Projeto Didático de Gênero “Adolescência, uma fase de risos e riscos” e seus efeitos fora dos muros da escola* mostra como, numa turma de alunos multirrepentes, ao relacionar a prática social à produção do gênero artigo de opinião, proporcionou-se aos alunos a reflexão crítica, uma participação e interação maior no projeto, em função da temática trabalhada. O tema gravidez na adolescência é recorrente na comunidade dos alunos. Ao dar à leitura e à escrita a mesma importância, trabalhar de forma interdisciplinar com a professora de Matemática e Ciências, e estimular os alunos a escreverem textos que comporiam uma revista, a professora trabalhou também a autoestima desses alunos e oportunizou-lhes a participação na Feira do Livro em Porto Alegre.

Jane Engel Correa trabalha com a oralidade, no décimo texto deste volume, enfatizando as possibilidades de trabalho com essa modalidade nas primeiras séries do ensino fundamental. Assim, em *Debate regrado: possibilidade de trabalho com um gênero do domínio do argumentar em uma turma do 3º ano do ensino fundamental*, a autora além de explicitar o que é o gênero debate e justificar o ensino desse gênero oral na sala de aula também faz um relato analítico da aplicação de um PDG em uma turma.

Itiane Elena de Mello relata, em *O lixo que transforma vidas*, a aplicação de um PDG que envolveu a produção de cartas de solicitação num projeto que gerou a consciência cidadã dos alunos sobre a produção do lixo na comunidade.

*Os desafios da aprendizagem docente: relatos de campo e análise reflexiva*, Keli Rodrigues Rabello e Jussara Selau da Silva misturam e complementam vozes quando expõem relatos sob perspectivas diferentes do processo de aprendizagem do professor. Assim mostram como o caminho entre a realidade escolar e a pesquisa acadêmica pode ser mais curto.

*Do escritório à sala de aula: A trajetória de uma (quase) linguista*, de Janaina Ferreira, encerra o volume. Em três partes bem marcadas, a autora faz primeiro um relato dos motivos que a levaram ao curso de Letras, em seguida, expõe suas impressões iniciais sobre a sala de aula como observadora e por último, e mais importante, mostra como o trabalho realizado contribui para a sua prática docente e suas perspectivas futuras em relação ao magistério.

Para terminar, fica para a certeza de nestes nossos tempos interessantes outros professores poderão encontrar o que procuram pela leitura deste livro e pela descoberta do PDG como metodologia de trabalho.

### *Referências*

FORASTIERI, André (1997). “Tempos interessantes”. *Revista Caros Amigos*, julho.